

Renato Suttana



Indigestos
e
Purgativos

Renato Suttana

Indigestos
e
Purgativos

2016

Ficha técnica

Título: Indigestos e Purgativos

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: dezembro de 2016

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

E-mail para contato: arquivosuttana@yahoo.com.br

Capa: J. C. Franco – montagem sobre pintura “Gula”, de Hieronymus Bosch (1450-1515)

Este livro é distribuído gratuitamente em formato pdf no site do autor.

Reproduções e citações são permitidas somente com a menção da fonte.

Endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com.br/renato_indigestos.pdf



*“Com jantar, Temer busca votos de deputados para teto de gastos”
(Veja.com)*

*“Com selfies, telões, risoto e ‘baixo clero’, jantar de Temer anima
deputados”
(Jovem Pan)*

*“Temer oferecerá jantar a senadores para pedir apoio à PEC do teto”
(G1)*

*“Temer recebe senadores para jantar em busca de apoio à PEC dos
Gastos Públicos”
(EBC Agência Brasil)*

*“Por PEC 241, jantar de Temer custou ao menos R\$ 50 mil”
(Exame.com)*

*“Em jantar, Temer pressiona a favor do teto de gastos”
(Folha de S. Paulo)*

*“Em meio à crise, Temer almoça com cúpula do PSDB”
(Exame.com)*

*“Eu uso o [Palácio da] Alvorada.” (Michel Temer, em entrevista
ao programa Roda Viva)*

Sumário

| | |
|------------------------|----|
| NOTA INTRODUTÓRIA..... | 9 |
| I..... | 15 |
| II..... | 16 |
| III..... | 17 |
| IV..... | 18 |
| V..... | 19 |
| VI..... | 20 |
| VII..... | 21 |
| VIII..... | 22 |
| IX..... | 23 |
| X..... | 24 |
| XI..... | 25 |
| XII..... | 26 |
| XIII..... | 27 |
| XIV..... | 28 |
| XV..... | 29 |
| XVI..... | 30 |
| XVII..... | 31 |
| XVIII..... | 32 |
| XIX..... | 33 |
| XX..... | 34 |
| XXI..... | 35 |
| XXII..... | 36 |
| XXIII..... | 37 |

| | |
|--------------|----|
| XXIV..... | 38 |
| XXV..... | 39 |
| XXVI..... | 40 |
| XXVII..... | 41 |
| XXVIII..... | 42 |
| XXIX..... | 43 |
| XXX..... | 44 |
| XXXI..... | 45 |
| XXXII..... | 46 |
| XXXIII..... | 47 |
| XXXIV..... | 48 |
| XXXV..... | 49 |
| XXXVI..... | 50 |
| XXXVII..... | 51 |
| XXXVIII..... | 52 |
| XXXIX..... | 53 |
| XL..... | 54 |
| XLI..... | 55 |
| XLII..... | 56 |
| XLIII..... | 57 |
| XLIV..... | 58 |
| XLV..... | 59 |
| XLVI..... | 60 |
| XLVII..... | 61 |
| XLVIII..... | 62 |
| XLIX..... | 63 |
| L..... | 64 |
| LI..... | 65 |
| LII..... | 66 |

| | |
|------------|----|
| LIII..... | 67 |
| LIV..... | 68 |
| LV..... | 69 |
| LVI..... | 70 |
| LVII..... | 71 |
| LVIII..... | 72 |
| LIX..... | 73 |
| LX..... | 74 |

NOTA INTRODUTÓRIA

O golpe está dado. Em meus cinquenta anos de vida, nunca tinha visto um governo que nada realiza, nada propõe, não apresenta políticas de melhoria da vida do povo, das relações entre os cidadãos e da economia em geral, a não ser negativamente, isto é, suprimindo direitos, demolindo conquistas de governos anteriores e prometendo, diariamente, na forma de “pacotes” e mudanças espúrias na legislação, políticas ainda mais destrutivas de deterioração do convívio social.

Até mesmo as propostas de grupos que apoiaram o golpe de 2016 ou que trabalharam para torná-lo possível – como os representados por certos segmentos do Judiciário – são também negativas. O projeto das chamadas “10 medidas contra a corrupção”, alardeado como salvação da lavoura política e encaminhado, com pompa e circunstância, pelo Ministério Público Federal ao Congresso em dias recentes, não prevê outra coisa que a supressão de direitos e garantias, com alterações profundas na legislação que levam ao enfraquecimento da defesa dos réus perante os órgãos da acusação e, de certo modo, garantem o sequestro do processo judicial pelos procuradores. Quanto a isso, um especialista chegou a dizer que, neste caso, tratam a população e a todos os que se veem envolvidos no debate sobre controle da corrupção da administração pública nos dias de

hoje como se tivessem o monopólio da razão, e tal sábio não estará longe da verdade. Não há maior destrutividade e negatividade do que sequestrar a justiça em tempos de desnordeio e desordem política.

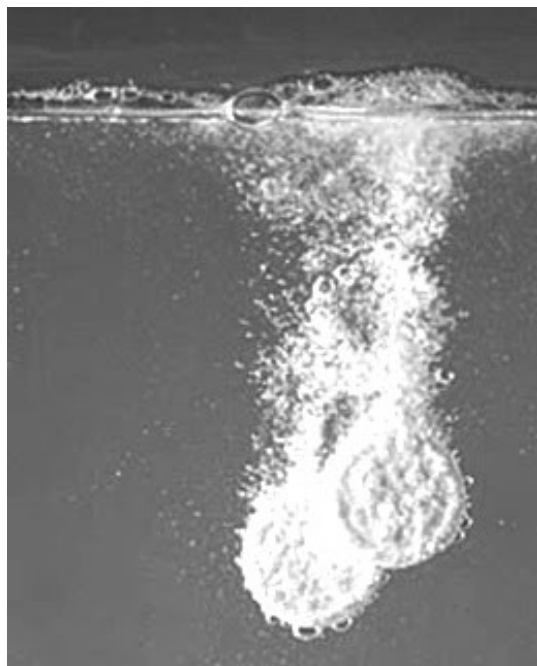
Este livro — composto de 60 sonetos rimados, de recorte clássico, escritos recentemente ao calor dos acontecimentos que levaram à queda de dois ministros de Estado do governo ilegítimo (com a perspectiva de que outros venham a cair) — é inspirado na ideia de que, para obter apoio às suas medidas impopulares, o governo adotou a prática de oferecer jantares aos deputados e senadores em véspera de votações. É o que o presidente — que, pelo visto, conta prender os parlamentares pelo estômago, como se diz na linguagem das intrigas amorosas — chamou, numa entrevista recente a um programa de televisão, de “usar o palácio da Alvorada”, ou seja, usá-lo como um restaurante de luxo onde a sorte dos brasileiros é servida à mesa para uma malta de insaciáveis glutões.

Evidentemente, como se vê, a ideia do jantar oferece a metáfora pronta, mais do que adequada, para uma circunstância de instabilidade política, econômica e social que não tem precedentes e não se compara a nenhuma outra vivida pelo País nos últimos 30 anos, desde a restauração democrática de 1985. Aqui, determinado grupo de indivíduos, bem posicionados na pirâmide econômica da Nação, resolveu se juntar, aliando-se aos órgãos da justiça e da imprensa, com o fim de derrubar um

governo legitimamente eleito pelo povo e se apoderar do poder, “jantando”, por assim dizer, as riquezas e os direitos do povo brasileiro.

Numa época em que a poesia quase nada pode fazer para sensibilizar as pessoas perante as tragédias sociais, tive ao menos a intenção de rir um pouco, de caçoar deles, mesmo que melancolicamente, com o fim de desopilar o fígado e dar algum sentido à desordem. Se o livro também puder chamar a atenção de alguém ou despertar a consciência de uns poucos para o que se passa no Brasil e para o que se anuncia como um desastre no horizonte do futuro próximo, já terá atingido e até ultrapassado o seu objetivo.

RS, dezembro de 2016.



I

Meu uso do Alvorada é culinário,
conforme se constata: uma cantina
capaz de inundar todo o noticiário
com a sopa que ali *ferve*, grossa e *fina*.

E, dada a profusão do receituário
diante do qual a imprensa se alucina,
posso afirmar que tal poção, supina,
faz mais efeito lá do que no armário.

Assim é que, sem medo de acidentes,
da cozinha abrirei a porta imensa,
e a farei um santuário para os crentes. —

Eis a minha arte: cozinhar na banha
todo o langanho que haja na despensa,
para suprir essa avidez tamanha!

II

“Presidente da CNI fala em mudar lei trabalhista e cita jornada de 80 horas”
(Notícia do G1)

Eu nunca tinha visto glutonia
e uma ânsia assim tão árdua, tão renhida,
de devorar o alheio à luz do dia —
e olha que já vi coisa nesta vida!

A um desses eu apenas lhe diria:
“Vai! Come desta parte! É a mais fornida!” —
que a pança, com vazão tão desmedida,
mesmo cheia há de estar como vazia!

Valha-te o deus da santa comilança,
e que não falte nunca à tua mesa
o consolo gentil da sobremesa

(que pode vir na forma da isenção
do imposto, ou do subsídio sem balança,
ou de um melzinho na licitação)!

III

Parafrazeando aqui o papa Francisco¹:
Senhor, dai-me uma boa digestão,
mas também um bom garfo, um bom petisco
e um bom jantar, com gente de eleição!

Dai-me, Senhor, o arroz de forma, e o pão,
e o feijão sem bolor e sem pedrisco,
e o celestial carneiro, que por mão
de um compadre nos chega lá do aprisco.

Alma não, meu bom Deus, pois não se come
(e nesta parte se equivoca o papa),
mas tudo o mais que acalme ou mate a fome:

e — claro —, para não cair no tédio,
um vinho desses que não estão no mapa,
isto sim um gentil, santo remédio!

1 Na verdade, a oração mencionada pelo papa é atribuída a São Tomás Moro.

IV

“Apesar da grave crise fiscal, da recessão, da campanha da mídia para o governo cortar gastos, o volume de recursos publicitários pagos nos últimos meses já é quase 50% maior que o registrado em 2015.”
(O Cafezinho)

Este é o Porco — o gorducho, o bem cevado,
o que se locupleta fartamente,
o que não tem escrúpulo guardado,
e só quer o que engorda prontamente;

o que não tem partido, mas tem lado,
que é o lado da gordura florescente,
que é o lado de quem traz água, semente,
milho, abóbora, inhame ao seu cercado;

que é o lado de quem nunca teve exceto
um lado de avidez — lado de dentro,
lado de quem o enxerga desde o centro;

lado de quem ajeita o seu coreto
e sabe que ele, em caso de rancor,
pode até devorar seu tratador.

V

“Internautas fazem ‘vomitação’ em página de Temer no Facebook”
(Notícia de *A Tarde*)

Agora que não fazem mais pesquisas
de popularidade e aprovação;
agora que estão sóbrias e concisas
as vozes mais veementes da opinião;

agora que despiram as camisas
da impoluta, auriverde agremiação
e não levam às ruas as divisas
do glorioso Combate à Corrupção,

deram de ir vomitar, grosseiramente,
como se fosse o Face uma privada,
onde vão despejar seu jorro quente.

Mas isso é que os desvia do caminho,
até porque da sopa que eu cozinho
ainda provaram pouco, quase nada!

VI

“Palácio do Planalto em guerra contra emojis do Facebook”
(Notícia de *O Globo*)

Contra os tais *emojis* declaro guerra,
que hoje estou para briga e para tretas.
Não me venham portanto com caretas,
com historinhas de “baixei à terra”!

Quem tem mais trunfos é o que menos berra,
e estão comigo os anjos e os capetas:
vou na medula, vou nas tarraquetas,
e quero ver, então, quem não se aterra!

Protestos no Facebook? Pois repudio-os,
e repudiá-los-ei até o final,
com a higiênica força dos meus brios.

Como o fazem os duros e os indômitos,
ordem darei ao Zuckerberg, formal,
de que limpe da página esses *vômitos*!

VII

“‘Vomitaço’ contra Temer toma conta da página do G20 no Facebook”
(Notícia do *Portal Fórum*)

Por algum tempo fui decorativo,
até o ponto de andar choramingando
pelos cantos e em carta derramando
o meu protesto falso e putativo,

Hoje, que ando operante e mais ativo
e uma vez por semana vou jurando
na tevê meu intuito e declarando
minha intenção, me querem *vomitivo*.

Ora, vejam. Mas hei de convocar
o diabo mais prudente da rodada
para tal confusão organizar. —

O Datafolha, o Ibope, a carochinha...
Que os comam com salada ou com farinha
e os descarreguem numa encruzilhada!

VIII

*“Fora do governo, Calero acusa Geddel de pressioná-lo para liberar obra”
(Notícia da Folha de S. Paulo)*

O voraz respingou-me suinamente
do alto desse espigão, de onde o cuspiram
depois que o porco assunto descobriram
da construtora, de que ele era cliente.

Eu, que ainda sou — suponho — o presidente,
diante da amolação que me pediram,
fiz vista grossa (pois que não mediram
o tamanho da náusea, claramente).

Uns respingos a mais, se não estragam
a um ponto sem retorno a roupa fina,
com escova e sabão logo se apagam.

Difícil mesmo é quando, desastrados,
com o jorro que emporcalha a gabardina
somos também, no embalo, vomitados.

IX

“Aproveite que o senhor ainda não tem altos índices de popularidade e faça as medidas amargas que são necessárias.”

(Nizan Guanaes, ao presidente Temer)

Já vi maluco achar cabelo em ovo;
mas sugerir medidas mais amargas,
de dar passadas cada vez mais largas,
como maneira de agradar o povo,

é coisa de jejuo ou de acrobata
que, pelo visto, não entende nada
de popularidade encalacrada
e dá conselhos de nefelibata.

Quem os seguisse afundaria inteiro,
desde a sola dos pés até a moleira,
numa espécie viscosa de atoleiro.

Tal empurrão dispenso, pois sou rico
e não ando, afinal, tão na rabeira
para abraçar ideias de jerico.

X

“Em 1993, foi citado no escândalo dos Anões do Orçamento, em que parlamentares foram acusados de manipular emendas com a participação de empreiteiras no desvio de verbas.”

(Publicado no G1)

Que o glutão tenha sido, em era prisca,
um dos tais anõezinhos do orçamento
é luz que no meu cérebro não pisca,
nem me traz um fulgor ao pensamento.

No entanto às vezes paro, num momento,
e sinto que uma sombra em mim se arrisca:
uma certa inquietude, vaga e arisca,
progredindo em interno movimento.

Devo, então, a conselho dos amigos
(*Globo, Folha, Estadão* e, em breve, a *Veja*),
vomité-lo num balde ou na bandeja?

Porém, se o expilo, enfrento outros perigos
tais como o de que, além de respingado,
seja eu também, em parte, vomitado.

XI

“O esforço para derrubar Temer, neste momento, é trabalhar contra o Brasil.”
(Eliane Cantanhêde)

Se, em vez de vomitórios, aceitarmos
o conselho da aflita Cantanhêde
e o máximo possível suportarmos,
conforme a sorte manda e a ocasião pede,

quem sabe o bolo todo se digira
e, à maneira de um tronco ou um destroço
que na caudal da enchente boia e gira,
desça afinal para o intestino grosso,

aliviando esse peso que por ora,
sem o auxílio do emético, eficiente,
entre o esôfago e as tripas se demora.

Quem sabe suportando um pouco mais
se faça a digestão naturalmente,
como se espera em situações normais.

XII

“Machado implica o presidente Temer em delação premiada”
(Notícia do *Misto Brasília*)

Há coelhos, há carneiros, há machados,
há limas e laranjas de montão,
lá na despensa, cuja escuridão
os mantinha bem frescos e guardados.

Agora, uma horda atroz de alucinados,
formando uma bulhenta multidão,
mete em tudo o bedelho e a suja mão;
e ainda são pela imprensa ovacionados.

(Ela mesma uma velha comilona,
não menos pantagruélica e visada
pela Receita, que não a ovaciona.)

Bem podia o bom Deus, providencial,
mandar chuvas de Engov ou Sonrisal,
para acalmar essa ânsia desvairada.

XIII

*“Geddel chora ao comentar polêmica e diz que assunto está encerrado”
(Notícia da Folha de S. Paulo)*

Vem o bebê chorando novamente
como daquela vez (quando anãozinho),
com o mesmo ar assustado e comovente
de quem viu cobra ou onça no caminho.

Eu cá suspeito bem que o pobrezinho
chorou foi de ansiedade – decorrente
do embrulho que se torce, em torvelinho,
roncando dentro dele, espesso e ardente.

Dá impressão até de que engoliu
todo o maldito prédio e se entupiu
com o volume da coisa, impressionante!

Ai, bravo! Sal de fruta não te solve!
Só mesmo ácido forte ou impactante
lavagem das entranhas te resolve!

XIV

“Aécio vai ser o primeiro a ser comido...”
(Sérgio Machado)

A estranha culinária do Planalto
iguarias contém muito indigestas,
tais como dar almoços ou dar festas,
no intuito de aguentar mais um assalto.

E há umas carnes aqui que não digiro
e que, se fosse o caso, expeliria
pelos nove buracos — fantasia
com que às vezes me iludo e até deliro.

Aquele, por exemplo, que alguém disse
que seria comido na primeira,
a depender da fome ou gulodice...

Pois desde agora advirto: é uma pedreira!
Causa no estômago uma tempestade,
e a digestão leva uma eternidade!

XV

*“Moro grampeou Lula, Dilma e monitorou até STF”
(Notícia do Brasil 24/7)*

E aquele doido lá, de Curitiba,
que não sei a que veio e que aparece
todo dia na imprensa, e não se esquece
de apregoar aos glutões sua muxiba?

E o promotor de nome tão estranho
(de antigases, parece, ou purgativo),
a quem não confiaria o meu ativo,
qualquer que fosse o caso ou o tamanho?

São esses os remédios que o Brasil
anda ingerindo desbragadamente,
sem respeitar estômago e intestino.

Mas não vou eu curar esse redil:
que a mim me basta ser só presidente,
mesmo que congelado em interino.

XVI

“Cargo, aliás, é algo de que ele gosta tanto que, em 2002, o ex-presidente Itamar Franco o chamava de ‘percevejo de gabinete’.”

(Fernando Brito)

Percevejo. Gostei desse apelido,
mas acrescentaria: empanzinado,
pouco importando o pranto derramado
(que não sai pelos olhos o engolido).

Que chupou (morcevejo), desbragado,
qualquer sangue — sem causa e sem partido —,
e agora foi, com jeito de entupido,
pelo ônibus da história atropelado.

Que conselho darei a esse glutão?
Vai, Cantanhêde! Ajuda-o, põe-lhe juízo!
Dize que é pela Pátria! Que é preciso!

Que já não dá para deglutir tudo,
por mais que seja o estômago bojudo
e por mais que vistosa a dentição.

XVII

“O que foi aquela marcha a pé até Brasília? Ridículo. Saíam da marcha, comiam bem, dormiam em hotéis e voltavam para a estrada para fazer fotos.”
(Daniela Schwery, ativista)

Fingindo que marchavam a Brasília,
aqueles molecotes, entupidos
de ideologia besta e bem servidos,
como num piquenique de família,

pelas gordas raposas dos partidos,
lá foram, como quem segue uma trilha,
tirar foto com o Noivo da quadrilha:
contra isto, claro, nada endurecidos.

Tal é, pois, o heroísmo dos glutões,
que enquanto se empanturram, fazem fotos
cheias de gestos, *slogans* e jargões.

Quem os vê pensa: “Causam terremotos!” —
esses leitões magrinhos, que festejam
comendo o próprio esterco que despejam.

XVIII

“Cheque de 1 milhão de reais para Michel Temer joga holofotes em ação do TSE”

(Notícia do *El País*)

Aquele gordo cheque de *hum milhão*
com que a Andrade Gutierrez me serviu
e que a Dilma exumou e difundiu,
caiu-me como uma lauta refeição;

até porque, conforme a lei geral,
vice nem faz campanha, bem se vê,
de modo que o valor que ali se lê
foi alimentar sapos no brejal.

(Dom Gilmar, esse velho cururu,
por exemplo, a teoria elaborou
de que eu não me espojara nesse angu.

Bravo!) Porém o alarde é que me foi
um tantinho indigesto, mas passou;
e a vida segue em frente, como sói!

XIX

*“Kim Kataquiri estreia coluna semanal no site da Folha”
(Notícia da Folha de S. Paulo)*

Esse menino — digo-o sem tormento —
é um capadinho magro, dos ruinzinhos,
cuja carne não paga o investimento
e que só dá problema com os vizinhos.

A Folha o contratou como alimento
(ou arapuca) para passarinhos,
ou talvez por engasgo e ofuscamento
dos processos mentais e convizinhos.

Tais são os sacrifícios que, hoje em dia,
andam fazendo, entre a diarreia e a azia,
à espera de que o erário os amamente.

E eu, que não sou simplório nem beócio,
só posso agradecer, sinceramente,
e orar pelo futuro do negócio.

XX

“Geddel acusado de interferir no espigão sai, Serra acusado de receber R\$ 23 milhões fica?”

(Roberto Requião)

O chanceler! Que bucho! — Bem podiam
ter me servido coisa mais urbana,
quem sabe um mingau simples, mas bacana,
conforme antigamente aqui faziam.

Mas não: parece até que me assediam
e, movendo essa incrível traquitana,
me trazem lá, com jeito safardana,
coisas que até os infernos repudiam!

A continuar assim, juro por Deus:
ponho de lado a classe e os camafeus,
e vou à forra, pelos meus setenta!

Saio eu mesmo a ejetar lá no Facebook
de quem me vomitou — manjado truque! —
o que me sobe à goela e ali fermenta!

XXI

“Para enfrentar a crise, Temer aumenta gastos com publicidade”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

A fim de incentivar a enorme fome
do momento e o otimismo dos globais,
proponho um sal de fruta cujo nome
seria “Fora Temer”, e não mais.

Além de contribuir com os cegonhais
da imprensa, cujo ardor não há quem dome,
coibiria erupções estomacais,
facilitando a vida de quem come.

Seria o meu subsídio à economia,
que de resto vai mal ou, como querem,
passa por uma *crise de confiança*.

E um futuro à Leitão garantiria
(nome adiposo), que anda enchendo a pança –
ex-Urubóloga, se assim preferem.

XXII

“Nunca cuidei dos pobres, não sou são Francisco de Assis. Até porque a primeira vez que tentei carregar um pobre pra dentro do meu carro eu vomitei por causa do cheiro.”

(Rafael Greca)

Se eu afinal cuspiisse o que me vem
à cabeça e às entranhas quando leio
notícias tais, de que já não descreio,
não ficaria ao meu redor ninguém.

Não foi do pobre, todos sabem bem,
mas de si mesmo — do íntimo recheio —
que o bravo vomitou, pançudo e cheio:
e o fez no colo fraternal de alguém!

Não cabe reflexão: cabe Epocler,
cabe uma boa dieta de bom senso
que até uma criança pode prescrever!

Cabe abrir mais espaço no bestunto
e ejetar numa cloaca esse conjunto,
que não se limpa com um trapinho, um lenço!

XXIII

“Eduardo Cunha é preso em Brasília por decisão de Sérgio Moro”
(Notícia do G1)

O crente, coitadinho, não vingou:
lutou contra a corrente e foi a pique,
perdendo a pose, a fleuma e incluso o chique
(e do implante não sei o que restou).

Sabia manobrar o Titanic
e um serviço precioso me prestou,
com os duzentos ou mais que encabrestou,
sem que ninguém pusesse nisto um dique.

De que um dia ele volta estou bem certo,
que a memória do povo é esburacada;
mas por enquanto é um pobre no deserto.

(Tem uma bomba atômica guardada
naquele estômago de sucuri,
da qual, por suspeição, nunca me ri.)

XXIV

“PF lista de A a Z as propinas da Odebrecht”
(Notícia do *Estadão*)

Odebrecht! — esse nome que me assusta
e me causa um distúrbio aqui no ventre,
fazendo até com que eu me desconcentre
e esqueça o *script* e o quanto a vida custa.

Purgá-lo? Só com um tônico seguro,
desses que se fabricam em farmácia
tradicional — onde a alma e a pertinácia
não se iludem com os lemas do futuro.

Dar-lhe um remédio forte, bem cunhado,
que não cabe naquele putalhão
PowerPoint do mocinho, empavonado.

Isto, sim, punha um ponto na questão
e estancava de vez essa sangria,
conforme o recifense lá dizia.

XXV

*“Gravações revelam ajuda financeira de partidos ao MBL”
(Notícia do Terra.com)*

Ou acham que estes nossos leitõezinhos
vivem de brisa, vivem de pastar
a grama das campinas, de apanhar
araticuns à margem dos caminhos?

Não! Vivem de pedir, de arrecadar,
de encher com a bufunfa os seus cofrinhos,
de chafurdar no cocho dos padrinhos,
de ir lá buscar seu doce, seu manjar!

E, como esses padrinhos (lei superna)
não mamam de outra teta que a estatal,
de que fizeram sua causa eterna,

conclui-se que, apesar do nhenhênhém
contra o imposto, é do imposto que também
querem viver, como qualquer mortal!

XXVI

“Rodrigo Maia diz que ação da PM foi reação a manifestantes na Esplanada”
(Notícia do *Estadão*)

O áureo rechonchudinho — essa teteia
(cujo pai já não sei se vai ou vem) —
até que tem se saído muito bem
no comando valente da alcateia.

Também pudera: ele pertence ao DEM,
que sempre me deu quadros e plateia
e hoje inferniza a educação da aldeia
com uma truculência que convém.

Esse eu vomitaria num banheiro
daqueles bem limpinhos, de mansão
ou de *shopping*, pois sempre foi parceiro.

Já pelo pai não levo ao fogo a mão
e no destino dele não me fio,
que as bruxas andam soltas lá no Rio.

XXVII

“A rede social, no entanto, afirmou que ainda não tem um sistema pronto para isso. Por enquanto, só é possível bloquear texto com algumas palavras-chave especificadas pelo administrador da página.”

(Lauro Jardim)

O Zuckerberg mandou dizer, sucinto,
que o Facebook, bem capaz de outras façanhas,
não tem como deter essas estranhas
formas que lembram vago platelminto —

coisa de que me enfado e me ressinto,
mas não me gera embrulho nas entranhas,
acostumadas a mover montanhas
(e esta nem é tão alta — intuo e pinto).

Vá saber por que o jovem mandachuva
deu assim de tratar, com tal desdém,
o meu pedido tímido, de viúva;

ou se ante esse enjoativo manifesto
não sentiu um engulho — ele também —
e foi despejar lá o seu protesto.

XXVIII

“Moro veta advogado de Eduardo Cunha perguntar a Cerveró sobre Temer”
(Notícia do *Estadão*)

Sempre o doido a servir-me de escudeiro,
a garantir-me a janta ou mais um dia
de vestir a galante fantasia
que envergarei por mais um ano inteiro.

Mais um gentil acerto em meu roteiro,
prevenindo que eu entre numa fria,
que me tirem esta ávida ambrosia
da qual sou o gourmet e o confeitoiro.

Agradeço-te, estrênuo paladim;
e desde já prometo-te, vindouro,
um quinhão do suavíssimo pudim;

que em assuntos de dar não sou calouro,
e menos ainda ingrato e em retribuir
displicente, pois durmo sem dormir.

XXIX

“... que nesta reunião o presidente disse ao depoente que a decisão do Iphan havia criado ‘dificuldades operacionais’ em seu gabinete, posto que o ministro Geddel encontrava-se bastante irritado...”

(Trecho de depoimento divulgado pela Polícia Federal)

Vomitar o glutão seria um parto,
tal como vomitar uma leitoa
que a gente engoliu toda, numa boa,
desde a cabeça ao derradeiro quarto.

O que fazer com esse embrulho farto
que no estômago ferve e se amontoa?
Onde lançar o fardo, que atordoa,
levando quase à véspera do infarto?

Vou te contar... A vida não é mole,
e com os excessos, por obrigação,
quanta coisa insalubre a gente engole!

Isso, entanto, me força a decidir:
se na próxima janta que eu servir
só os verdes e as saladas entrarão!

XXX

*“Delegados da Lava Jato exaltam Aécio e atacam PT na rede”
(Notícia do Estadão)*

Cara de quem comeu e não gostou
tem o procurador que, percuciente,
vai falar na tevê regularmente,
a qual parece até que o contratou.

Esplênico, cinzento e desbotado,
diz coisas que os ouvintes (cujo tino
foi parar com a comida no intestino)
supõem ser as linhas de um bordado.

E aos jornais esse grande comilão
cederá fotos de estatura inteira,
que o estamparão em página primeira.

Eu, se o visse servido numa mesa,
só o comeria, claro, tendo à mão
um bom efervescente, com certeza!

XXXI

*“Em domingo de votação, Dilma é vista andando de bicicleta em Brasília”
(Notícia do *Correio Braziliense*)*

Tinha a Dilma um abúlico defeito:
de dieta sempre, quase não comia.
Só queria saber de economia,
não gostava de bolo, de confeito.

Com aborrecidíssimo respeito,
montava a bicicleta noite e dia:
dava conselhos de madrinha e tia
para quem quer manter um talhe estreito.

Disse-lhe eu: “Pois, madame, a minha ponte
é que há de nos levar até o futuro!”
E ela apenas sorriu, franzindo a fronte.

E então foi que comi gordo banquete,
naquele abril já podre de maduro,
com os meus trezentos e sessenta e sete!

XXXII

“O relator recuou, cedeu à pressão de procuradores da Lava Jato, de associações de magistrados e da Polícia Federal. Eles conseguiram evitar que fosse incluído no projeto o crime de responsabilidade para juízes e procuradores.”

(Publicado no G1)

Também eu, se pudesse preferir,
pediria a solar impunidade
e os não-me-toques de uma sumidade,
que tantos já praticam sem pedir.

Não me preocuparia em dividir
essas coisas de lei e de igualdade,
que são prejuízos da modernidade
e o Brasil cedo ou tarde há de abolir.

Faria como aqueles que, outro dia,
balofos e estufados, invadiram
uma sessão da Câmara e a entupiram.

Perfeito! Mas faltou ao presidente
convocar de imediato o efervescente
que aquela situação desobstruiria.

XXXIII

“Como o factóide sobre o sumiço da faixa presidencial foi armado por gente de Temer”

(Kiko Nogueira)

Sinceramente, achei que essa tal faixa
tinha sido engolida por alguém
do meu *staff*, um qualquer que come bem,
mas depois a encontraram numa caixa.

A mim me diz bem pouco – essa bolacha
que sequer mastiguei como convém:
que tratei com uma espécie de desdém,
como um quiquiriqui que me rebaixa.

Cara mesmo é a caneta com que assino
as papeladas todas que fornecem
combustível às forjas do destino:

esta, sim, de valor e não fuleira,
capaz de deitar lenha na fogueira
junto à qual os mais ávidos se aquecem!

XXXIV

“Senadores da oposição chamaram este item que permite a inclusão de parentes de políticos de ‘emenda Cláudia Cruz’, uma referência à esposa do deputado cassado Eduardo Cunha [...], apontada como sendo detentora de contas no exterior abastecidas por dinheiro de origem ilícita.”

(Notícia de *O Globo*)

Vão repatriar a grana da riquinha,
que, além dos belos olhos, tem cacife,
apesar de o marido ainda agorinha
ter dado com os costados num recife.

Isso é coisa que só fada madrinha
faz pela gente — esse amoroso bife
cujo montante não há quem tarife,
mas cuja origem logo se adivinha!

E, apesar do volume devorado,
não engordou um grama a tal senhora,
talvez por tê-lo em parte desapeado

não só nas lojas chiques mundo afora,
mas também, lá na Suíça, entre os indenés,
com aulas de ginástica e de tênis.

XXXV

“Panelaço contra Temer é registrado durante discurso de presidente interino”
(Notícia de *O Globo*)

Esse tal panelaço, enfebrecido,
acho-o, além de infantil, improdutivo.
Usar panela para fazer ruído,
em vez de cozer nela um caldo quente?

Cada jantar que dei, resplandecente,
no Alvorada foi lauto e bem servido,
e inclusive na imprensa enaltecido
(a despeito da esquerda maldizente).

E, embora a intenção fosse esvaziar
a panela do pobre, já vazia,
nenhum batuque retumbou no ar!

Por isso digo: em próxima rodada,
se as panelas não têm mais serventia,
doem-nas à cozinha do Alvorada!

XXXVI

“Sempre naquele estilo gorduroso, cheio de colesterol.”
(Paulo Henrique Amorim)

O Paulo Henrique diz que o estilo dele,
apesar das firulas de *imortal*,
é espesso, gorduroso e paroquial;
e que não é só uma questão de pele.

Propendo a concordar, e ainda acrescento
que, além da untuosidade (em que se expande),
lembra as entranhas de algum bicho grande
que alguém vai cozinhar em fogo lento.

Isso entanto parece habilitá-lo
a servir de alimento a muita gente
que o engoliria por qualquer pretexto —

e que, gostando de cantar de galo,
devoraria um boi, mesmo que doente,
só pela gana de não deixar resto.

XXXVII

“Artista holandês acusa FIESP de plagiar pato amarelo”
(Notícia da BBC)

O fino herói (não sei por que tão fino,
pois come como um padre e comeria
muito mais, se a antropeide anatomia
não limitasse o estômago e o intestino)

teve a ideia de inflar aquele pato
que simboliza belamente a causa:
comer constante, devorar sem pausa
e, claro, não querer pagar o prato,

coisa que — bom glutão — de fato fez,
roubando a ideia (o pato) do holandês,
que serviu aos incautos na Paulista.

Esta é a regra: que imposto a gente empurra
com a barriga, enquanto enche a própria burra,
cuidando apenas de não dar na vista.

XXXVIII

*“Neurocirurgião preso por fraude no SUS era militante anticorrupção”
(Notícia do Portal Fórum)*

Comilões que se apeiam da cantina
e vão esbravejar nas avenidas
suas iras profundas, incontidas,
contra essa repleção que os desatina!

Recomendo, por certo, tais medidas
como uma terapêutica leonina,
para quem sonha ter silhueta fina –
sem abrir mão das torrenciais comidas.

Porém, para uma real desobstrução,
só dura, rigorosa purgação
seria a alternativa mais correta.

(O que não vem ao caso, certamente,
nesta época de cunha e de muleta,
em que até o diabo é um santo penitente.)

XXXIX

“Moreira Franco e Odebrecht citados em mensagens de celular de Léo Pinheiro”

(Lauro Jardim)

E o grisalho? O grisalho é um Pantagruel
que o Brizola chamou “Gato Angorá”.

E eu me pergunto que semelhança há
entre o gigante e o gato do Leonel –

gato que certamente atingirá
a altura de um egípcio capitel,
maior, talvez, até que a Torre Eiffel;
e já não sei como isso acabará.

Esse, que mencionei naquela carta
endereçada à Dilma, eu não vomito,
porque afeição a gente não descarta.

Mas que ele me empanzina, ah, se empanzina!
Como um pastel que devorei, aflito,
à espera do busão, no bar da esquina!

XL

“Cresce reprovação a Temer, e 63% dos brasileiros querem renúncia, aponta Datafolha”

(Notícia do *Jornal do Comércio*)

Indigesto, apesar da propaganda,
das noblatianas, ternas olhadelas,
dos segredinhos (bons para as donzelas)
que a Eliane contou, sutil e branda;

qual gororoba que ninguém desfruta,
mas sai a devorar teimosamente,
já não caibo no estômago da gente
que anda agora a pedir um sal de fruta.

Vomitar-me-ão nas cloacas do futuro?
Jogar-me-ão como um resto ao pé de um muro,
para aliviar o esôfago irritado? —

Tais são, hoje, as perguntas que me faço,
frente ao fluxo — que observo, conformado —
desse farto e incessante *vomitaço*.

XLI

*“CNJ aprova pagamento de auxílio-moradia de R\$ 4,3 mil para juízes”
(Notícia do G1)*

Esse auxílio devia se chamar
“Me engorda deste lado” – uma obra-prima
da glotonice que nos trava e arrima,
que nos dá força para continuar.

Ou (se permitem que eu assim me exprima)
devia essa coisinha se chamar
“Falta-me um tico de matéria-prima!”,
ou talvez só “Mamãe, quero mamar”.

Ou, no meu (sempre humilde) entendimento,
devia se chamar – esse portento –
“Deixa-me introjetar mais um pouquinho”

(embora “introjetar” seja esquisito).
Ou somente “É o do pobre periquito?”
Ou quem sabe “Incrementa o meu cofrinho”?

XLII

“Autor do pedido de impeachment de Dilma se arrepende: volta, querida!”
(Esmael Morais)

Diria eu, bem do fundo da barriga,
que o velho anda perdendo um pouco o rumo
ou não consegue já manter o prumo,
nesta época de todos inimiga.

Já foi mais melodioso e mais agudo;
porém, depois que andou se misturando
às aves estridentes do outro bando,
não é mais tão saliente e tão bicudo.

Passa o tempo; e a penugem “enferruja”,
e a ave que foi outrora mais solar
vira noturna e insípida coruja.

E no entanto, por baixo do ar farrapo,
restam (parece) o bico regular,
a garra pronta e o insaturável papo!

XLIII

“Manifestantes ocupam triplex dos Marinho em Paraty”
(Notícia do *Pragmatismo Político*)

Os três leões-marinhos são uns santos,
que dão prêmios aos juízes, predispostos,
enquanto se exercitam pelos cantos
na arte sutil de sonegar impostos.

Só lá na *Caras* vemos os seus rostos,
mas nunca nos jornais, que eles têm tantos;
pois a riqueza os cobre de mil mantos
e estão os puxa-sacos sempre a postos.

Tendo comido o cérebro da gente
no Jornal Nacional, andam cercando
terra pública, ao povo pertencente.

(E a tal Paraty House bem que parece
uma bocarra imensa devorando
a paisagem que em volta reverdece.)

XLIV

*“Marido de deputada que votou pelo impeachment, prefeito é preso pela PF”
(Notícia de O Globo)*

A fadinha feliz do Sim-Sim-Sim!
esteve lá também, toda faceira,
patriótica, enrolada na bandeira,
parecendo até um tipo de quindim.

Com um jeito de alegre feiticeira,
brandia em volta o seu pirlimpimpim,
capaz de tirar ouro do capim
(conforme uma mandinga brasileira).

Glutonazinha e fofa! – Mas foi pena
que a vomitaram logo no outro dia,
já sem lembrança dessa tarde amena.

Voando, se espatifou contra a cornija –
por coisas do marido (se dizia),
apanhado com a boca na botija!

XLV

“Geddel pede demissão após crise gerada por denúncia de ex-ministro”
(Notícia do G1)

O afoito por si mesmo se expeliu,
como um fragmento grande num entulho
que cai sobre um andaime e faz barulho;
e foi bem grosso o ruído que se ouviu.

Mas enquanto lá estive me entupiu,
como se eu digerisse um pedregulho —
do que não me lamento nem me orgulho,
dado o respingo com que me espargiu.

São os ossos do ofício, como diz
o povinho experiente; e eu, neste andar,
já não sou mais novato ou aprendiz.

Na próxima, entretanto, com cuidado,
deixarei por mais tempo cozinhar
tal receita — indigesta — de guisado.

XLVI

“... consta a informação de que em maio de 2014 houve um jantar no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente da República. Nele, estavam o próprio vice Michel Temer e o então deputado Eliseu Padilha [...]. Do lado da empreiteira, Marcelo Odebrecht. Segundo os termos do anexo, Temer pediu ‘apoio financeiro’ ao empresário.”

(Notícia de *Veja.com*)

Aquele Jaburu era um paraíso,
e eu moraria lá por toda a vida,
não fosse a circunstância agradecida
de ter de me mudar para outro piso.

E além disso era esplêndida a comida,
de fazer um glutão perder o juízo,
de mandar ao capeta um sério aviso
e um abraço à dietista mais renhida!

Mas, agora que estou literalmente
por cima da *carniça* (como quer
o povinho esfomeado e irreverente),

só me cabe dizer, com Baudelaire:
ali se abrindo, inchada e receptiva,
feminina talvez, e até festiva!

XLVII

canibalizando Gregório

A cada canto um grande cozinheiro,
que acha que economia é na porrinha:
não sabem preparar uma galinha,
e querem cozinhar um galinheiro.

Em cada porta um chulo palpiteiro,
que dia e noite os dados espezinha –
corta, salga, mistura, e com a varinha
mágica serve ao mundo o país inteiro.

Muitos, como uns zangões azucrinados,
com uma gula inaudita pelos cobres,
querem privatizar a mãe e a tia.

Vendem-se como putas aos mercados;
e, entupidos de grana e intenções nobres,
vão depois vomitar uma teoria.

XLVIII

“A Lava Jato não apenas destruiu o país, provocando 140 bilhões de reais de prejuízo e aprofundando os efeitos da política recessiva e da crise internacional...”

(Mauro Santayana)

Essa “Força Tarefa”, esse funil
parece ter barriga de elefante
que engoliria inteiras, num instante,
toda a paz e a riqueza do Brasil.

Para caçar bandidos, tonitruante,
ousaria pôr fogo num barril
de gasolina ou pólvora e, febril,
se sentaria em cima, delirante.

Haja apetência! E agora, descarada,
depois que a Petrobras foi destruída,
vem devolver-lhe uns trocos, de gorjeta.

Isto, em Brasília, eu mesmo ajeitaria,
e por preço menor, conforme o dia,
e sem estardalhaço e sem trombeta!

XLIX

“O [...] senador Aécio Neves e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso criticaram nesta sexta-feira (25) o fato de o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero ter gravado conversas com o presidente Michel Temer [...]. Ambos almoçaram com Temer e com ministros, parlamentares e prefeitos do PSDB.”
(Notícia do G1)

Com certeza. Almoçaram e, repletos,
foram dar o seu voto de confiança
ao caído, cuja fama se balança
sobre um montão de brasas e de espetos.

Foram, porque são lhanos e diletos,
e aprovam, além disso, a comilança,
diante da qual não pensam em poupança
e na magreza vã dos desafetos.

“Bola pra frente!” – é o lema, que mastigam
entre garfadas plenas e saudáveis,
regadas a um bom vinho, que “castigam”.

Se alguma flatulência os incomoda? –
Nem ligam, pois estão com a corda toda,
e os ventos, ademais, são favoráveis.

L

“Com medo de apanhar, Francischini foge de manifestantes no Paraná”
(Notícia do GGN)

Não é porque tem nome de biscoito
que ele há de merecer o nosso apupo.
Mas, se não o cuspo, é lógico: me entupo;
e hoje em dia não cabe ser afoito.

Há que excretá-lo, pois, há que expeli-lo
com um bom purgativo, capital,
que desobstrua o tubo intestinal,
deixando-o livre para um novo quilo.

Gorducho e boquirroto como só,
ao reger a sinfônica do Richa,
acrescentou um dado à própria ficha:

tendo espalhado a fúria e o caos em torno,
entrou no camburão, como num forno
o peru de Natal da minha avó.

LI

“Nós temos crises maiores e temos desafios maiores do que um episódio relativo a um flat longínquo numa praia aí da Bahia...”

(Gilmar Mendes)

O ministro, com o múnus, prontamente
engoliu uma parte do edifício
que o baiano – supus –, sábio no ofício,
teria deglutido, inteiramente.

Gluttonaria assim, sem precedente,
acabará por se tornar um vício,
de modo que se explica o sacrifício
em distribuir de graça o efervescente!

Porque, se não o faço (é de supor),
explodirão os ventres com tal ruído
que há de cruzar o mundo num instante.

E eu, que cuido com zelo desmedido
da imagem do Brasil lá no exterior,
não vejo nisto nada de elegante!

LII

“PF apreende 450 kg de cocaína em helicóptero da família de senador de MG”
(Notícia de Uol Notícias)

Este imbróglio, tão cedo deglutido
e excretado em profunda cavidade
pela imprensa, que sem curiosidade
como um osso o tratou, já meio roído,

é um clássico — sublime e colorido —
da nacional, atroz voracidade,
que avança às vezes com velocidade,
mas é bem lenta quando faz sentido.

Novamente citando o poeta agudo:
hipócrita leitor, descaradinho,
que vê na lei só a pedra no caminho,

de ir a passeio bem que gostarias
ou de fazer umas acrobacias
nesse brinquedo, com o seu conteúdo!

LIII

“Em transe, ‘jurista Tucana’ diz que não vai deixar a cobra dominar a mente dos nossos jovens”

(Notícia do 24/7)

Pensaram que esse gesto de girar
sobre a própria cabeça, como um pião,
o auriverde, brasílico pendão
(numa ânsia de fazê-lo decolar?) –

em que Bilac viu, todo emoção,
a grandeza da Pátria se espelhar,
e em que eu vejo um fartíssimo jantar,
capaz de amolecer uma legião –

fosse transe ou condão de feiticeiro,
como se houvesse na USP algum terreiro,
com o direito a servir de encruzilhada.

Já eu penso que meia colherada
de rícino Laxol talvez bastasse
a resolver tão esquisito impasse.

LIV

“Polícia usa spray de pimenta para conter protesto contra Temer no RS”
(Notícia do G1)

Para que eu desça deste pedestal
é preciso bem mais do que poesia,
bem mais do que resmungos, noite e dia,
e a multidão bradando em meu portal.

Como uma indigerível iguaria –
que era ou azeda ou mesmo artificial –,
quem me engoliu que aguente, ou corra à pia,
ou vá cuspir-se ao fundo do quintal.

Ou então que, a poder de vomitivo,
se purgue de tal fardo, por refresco –
que há tempos já não sou “decorativo”.

(Que, para temperar minha excelência,
não pouparei pimenta nem ardência,
nem, claro, o *granum salis* – latinesco!)

LV

“No episódio que agora se torna público, cumpri minha obrigação como cidadão brasileiro que não compactua com o ilícito e que age respeitando e valorizando as instituições.”

(Marcelo Calero)

O demitente, que perdeu a teta,
se sentiu ultrajado e, por desforra,
meteu na brincadeira uma patorra,
fazendo acelerar a carrapeta.

Também... dividir cocho com aquele!
Nem eu me atreveria, e bem o vistes
(na recente estação), como são tristes
essas questões de convivência imbele.

O FHC, que tem a boca enorme,
sugeriu degluti-lo com urgência,
antes que o arranjo todo se deforme.

Eu, que ando já com a pança mais que cheia,
não descarto – antropófago – essa ideia,
que hei de medir, no entanto, com prudência.

LVI

*“Com uma agenda de aparições nacionais, a jovem e bela primeira-dama vira a grande cartada do Palácio do Planalto para tirar a popularidade do atoleiro”
(Capa de *Veja*)*

Acho. Talvez. Suponho, mas descreio.
Pois é como, em lugar do pão de ló
e do mais rico e substancial recheio,
comer a cobertura branca, só,

feita de clara de ovo açucarada —
que, apesar de passável e atraente,
não empanturra, pois não pesa nada,
e apenas deixa insatisfeita a gente.

Um docinho. Porém aposto mais
é em coisas de substância (ou de catarse),
tais como a bala, o cassetete, o gás,

ou a ideia de ver o brasileiro —
desde os braços da mãe aos do cozeiro —
suar ao sol, sem direito a aposentar-se.

LVII

“Mas Temer foi exigente mesmo com os sorvetes. Da marca americana Häagen-Dazs, foram encomendados 500 potinhos (...) O maior gasto, no entanto, será com tortas de chocolate. Foi pedida uma tonelada e meia de torta, ao custo total de R\$ 96 mil. A propósito, Temer deve mesmo gostar de doce. O Planalto encomendou 120 potes de Nutella (...).”

(Lauro Jardim)

Dessa coisa comprei foi tonelada,
que era para engordar aquela gente,
que era para deixar bem estufada
a entranha insaciável, exigente.

Já na pasta se banharia um crente,
caso fosse em piscina derramada —
coisa que acho, entretanto, improdente,
mesmo para uma alminha empanzinada.

E há também o problema do sorvete,
que daria um bonito logotipo
para a “Ponte”, que aos poucos se derrete.

(Mas a verdade é que “Ordem e Progresso”,
apesar do patente retrocesso,
tem mais a ver comigo, com o meu tipo.)

LVIII

“Uma coisa que eu jamais observara: como Temer é um senhor elegante. Quase diria bonito. A senhora dele, também.”

(Ricardo Noblat)

Estão tentando, com valente empenho,
vender meu golpe ao parvo e ao ruim da vista,
que desdenha a estatística, empirista,
e não vê da verdade o vil desenho.

Bravo! Aplauso! E ovações! – Não me contenho
frente a esse esforço de halterofilista
que hei de recompensar com mão altruísta,
sem titubear e sem franzir o cenho.

E, para dar carvão à economia
(já que o petróleo se perdeu na gruta),
assinarei profícua portaria,

ordenando, com brevidade afásica,
que o Sonrisal integre a cesta básica
e seja subsidiado o sal de fruta.

LIX

“*Cunha é corrupto mas está do nosso lado*”
(Escrito num cartaz de protesto)

Vejo que o *vomitação*, assim congesto,
de quem vota em partido mutreteiro,
de quem troca o seu voto por dinheiro
e depois sai às ruas em protesto;

de quem vota em prefeito patranheiro
e se deixa ir às urnas no cabresto,
de quem não distingue Álvaro de Ernesto,
e é, frente à coisa pública, estrangeiro;

não me aborrece tanto e até me agrada,
pois em mim elogia uma figura
em que a sua se encontra retratada.

Esse, não dando a mínima, dá tudo,
deixa o barco alcançar a embocadura
onde o pirata aguarda — agro e sanhudo.

LX

“Não é só a boca. A língua dele também é grande.”
(Paulo Henrique Amorim)

Por ser assim tão grande aquela boca,
bem vos digo, madame: o que ela expila
pode a vida tornar bem intranquila,
quando não a converte em *“vida loca”*.

Assim, convém por ora esse expediente
de ir cozinhando o galo em fogo brando
e as aflições da náusea ir segurando,
enquanto haja energia e o corpo aguento.

Depois? Só Deus o sabe em Sua glória,
Ele que não se mete em nossa história,
mantendo-se a distância, precatado.

Porque, se a coisa vem e a náusea emplaca,
como disse o Jucá, ninguém escapa,
e não há quem não saia enxovalhado.

SOBREMESA

“§ 2º Exclui-se a ilicitude da prova quando: [...]

III – o agente público houver obtido a prova de boa-fé ou por erro escusável, assim entendida a existência ou inexistência de circunstância ou fato que o levou a crer que a diligência estava legalmente amparada...”

(Trecho da proposta de alteração do Código de Processo Penal apresentada pelo Ministério Público Federal ao Congresso brasileiro)



ARS

Copyright © Renato Suttana, 2016

www.arquivors.com

endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com/renato_indigestos.pdf



RENATO SUTTANA nasceu em 1966
na cidade de Barbacena (Brasil).
Professor universitário, escritor e
tradutor, publicou livros de poesia
e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005),
Bichos imaginários (2013) e *Rapinário* (2015).
Tem poemas incluídos em coletâneas
e revistas literárias do Brasil e de Portugal.
Mantém na internet o site
“O Arquivo de Renato Suttana”.

